"RIOS DE TEMPO, RIOS DE SANGUE!"
A CONTENDA POR PERÓN NO ROMANCE DE TOMÁS ELOY MARTÍNEZ

Resenha de MARTÍNEZ, Tomás Eloy. O romance de Perón.
São Paulo: Best Seller, 1988.

Rodrigo Medina Zagni*

Resumo:

Tendo como tema a disputa pela imagem do maior líder político argentino de todos os tempos, Juan Domingo Perón, quando de sua volta à Argentina em 1973 após 18 anos de exílio, esta resenha tenta identificar, no romance de Eloy Tomás Mantínez, quais grupos entraram na contenda por sua imagem, orientados por quais interesses, com que dimensão de influência, e com quais perspectivas de ação concreta para ultimar sua vitória, no limite entre ficção e História.

Palavras-chave: Juan Domingo Perón; Peronismo; Argentina.

"A única coisa que sentiu, com certa nitidez, foi o medo, e gostaria de apagar sua lembrança. Queria poder afirmar que o medo não existe agora e que, portanto, poderia – e deveria – não existir nunca. Não foi o trivial medo da morte, mas algo pior...

* Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Doutorando em Práticas Políticas e Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo.

O medo da História. Sofreu pensando que a História contará à sua maneira o que ele calou. Virão outros e inventarão uma vida para ele. Temeu que a História minta quando fale de Perón, ou que descubra a vida que mentiu para a História. Como chegou a dizer muitas vezes, um homem só é o que recorda. Deveria ter dito, com mais propriedade, que um homem só é o que dele se recordam as pessoas."**

"A pátria socialista? Isso eu inventei. A pátria conservadora? Eu a mantenho viva. Preciso soprar para todos os lados, como o galo do cata-vento, e não me retratar nunca, apenas ir somando frases. Se uma nos parece imprópria hoje, pode servir-nos amanhã. Barro e ouro, barro e ouro... Para a História, contudo, existe apenas uma. A História é uma puta, López. Sempre fica do lado de quem paga mais. Quantas outras lendas acrescentam a minha vida, mais rico vou ficando e com mais armas conto para defender-me! Deixe tudo como está. Não procuro uma estátua, mas algo maior. Governar a História. Fodê-la por trás."***

- Olhem para ela – aponta o general. – Vejam aqueles olhos. Ocupam quase toda a cabeça. São olhos muito estranhos, cada um com quatro mil facetas. Captam a realidade em quatro mil pedaços diferentes. Minha avó Dominga era muito impressionada com isso. "Juan", ela costumava me dizer, "o que a mosca vê? Quatro mil verdades, ou uma verdade dividida em quatro mil pedaços?"****

Introdução:

A pergunta parece ingênua tomada dos lábios do personagem Dominga Dutey, uruguaia descendente de nobres franceses e avó de Perón, mas revela-se complexa e transtornadora se transportada para o romance onde Tomás Eloy Martínez parece ser a mosca que observa a verdade em quatro mil pedaços, ou que vê quatro mil verdades.

** MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *O romance de Perón*. São Paulo: Editora Best Seller, 1988, p. 110.

*** Diálogo do personagem Perón, Ibid. p. 199.

**** Ibid. p. 226. A alegoria da mosca aparece novamente à p. 278, e como metáfora para a escuridão do verão à p. 303.

O romance histórico de Perón está estruturado a partir de verdades fragmentadas pelos múltiplos pontos de vista dos vários grupos a partir dos quais são referidas, e que compõem, sutilmente articulados, os capítulos da obra.

O peronismo segundo Martínez é multifacetado e tudo nele parece caber, podendo ser determinado a partir dos diversos grupos que o compõem, produzindo determinações, interpretações, discursos e ideologias drasticamente distintas, e é isso que procurou explorar na obra "O romance de Perón", e é a partir desta lógica que o analisaremos.

Com vôo ágil e ziguezagueando pela obra o autor transporta o leitor a diferentes locais, diferentes pontos de vista e diferentes períodos históricos: a única forma possível de entender o fenômeno do peronismo, tomando-o não como uma matéria una, mas a partir da manifesta capacidade de abarcar em seu conjunto teórico e ideológico grupos de matizes tão divergentes, de tonalidades suavemente distintas ou brutalmente eqüidistantes, o que provocou em torno da imagem de Perón uma guerra fratricida pela hegemonia de "determinado peronismo", acentuadamente em 1973, com a expectativa dos dias que antecederam a renúncia de Héctor Câmpora e a volta do general, e que se materializou na tragédia assistida no aeroporto de Ezeiza onde a contenda por Perón culminou num conflito armado.

O leitor vê no romance de Martínez pelos olhos estranhos de quatro mil faces da mosca. Isso é experimentado em cada capítulo do romance, cada qual uma face de uma verdade maior, ou uma verdade constitutiva de muitas outras. Não fosse pelos sóbrios conselhos de Louis W. Goodman, que o convenceu a poupar os leitores reduzindo seu romance de quase 2 mil para 376 páginas[1], talvez Martínez tivesse de fato nos levado a experimentar exatamente 4 mil faces do peronismo.

Tomás Eloy Martínez, jornalista e escritor, tem uma longa história pessoal com o peronismo. Durante a ditadura viveu na Venezuela de onde assistiu o conturbado período que levou à queda do regime peronista no dia 19 de setembro de 1955. Como editor da revista "Primeira Plana" propôs, entre 1965 e 1967, uma história crítica do movimento peronista, que chegou ao leitor comum na forma de fascículos semanais.

---

[1] MARTÍNEZ, Tomás Eloy. Op. cit. p. 375.

Logo em seguida, do final da década de 1960 ao início dos anos 1970, esteve em Madri onde somou cerca de 220 horas de entrevistas com Perón, na quinta onde o general despojado de sua patente amargava o exílio, esperando placidamente pela morte, lambendo as próprias feridas resultantes dos ressentimentos acumulados durante sua trajetória política e militar. As entrevistas são mencionadas no próprio romance, onde o narrador aparece então como uma espécie de "eu transcedental" do autor[2].

"O romance de Perón" levou três anos para ser escrito. Terminado em 1985 e editado em 1988, desenhou uma biografia desautorizada de Perón, tratando-se de um romance histórico, claro representante de uma categoria literária que tentava recriar experiências históricas a partir de uma narrativa ficcional, tornando os limites entre História e ficção quase não se distinguem.

Na qualidade portanto de ficção o autor deixa de ter qualquer obrigação em apresentar fatos verdadeiros, na própria falta de uma definição de verdade em História ou mesmo na incapacidade desta em resgatá-la em sua totalidade (senão em verdades potenciais ou possíveis), passando a construir, no lugar: cenários, contextos e tramas históricas verossímeis.

A narrativa ficcional, portanto, longe de ser História e despretensiosa de sê-la, alude a ela para a construção do que diríamos "espaço negativo", ou fundo, se estivéssemos tratando da análise de uma pintura.

De fato o autor lança mão de todos os recursos que tem à disposição para inserir o leitor na cena através de uma narrativa ativada com técnicas de jornalismo que produzem, a partir do uso de uma ordem direta, constituída por parágrafos curtos, resumidos e que dialogam diretamente com o leitor, um efeito avassalador de verdade.

O autor utiliza uma escrita envolvente articulada a uma leitura ágil, jornalística, que corrobora na inserção do leitor, por meio da narrativa, numa penumbra onde os limites entre História e ficção normalmente se confundem.

Na literatura, o efeito que o "*trompe oeil*" provoca na pintura.

---

[2] As entrevistas são mencionadas no romance in: Ibid. pp. 197-199. Já havia, como romancista, entrevistado Perón junto do poeta Cezar Fernández Moreno, em Madri, cf. p. 234. Martínez aparece novamente no romance, como personagem, às pp. 206, 234-237 e 348.

Retomar o tema depois de 62 anos da primeira manifestação peronista na Argentina, após 52 anos da queda do regime de Perón e 55 anos após a morte de Evita, enquanto Tomás Eloy Martinez ensina seus alunos em Maryland e quando ainda o peronismo é a força política mais importante da Argentina, é essencial para entendermos parte de um processo cujo nexo estrutural de sentido está conectado em uma extremidade à fenômenos políticos semelhantes na América Latina e no mundo, praticamente no mesmo período, o que denuncia anseios populares por mudanças na estrutura política e social de Estados carcomidos pelos particularismos das aristocracias e interesses de grupos específicos, e na outra ao arquétipo de Juan Domingo Perón, uma das tantas esfinges da nossa contemporaneidade.

Desenvolvimento:

"A revolução começa hoje, ou não começará nunca".
Diálogo do personagem Vicki Pertini[3]

A década infame de 1930, marcada pela instabilidade decorrente de golpes internos, durou, na Argentina, até pelo menos 1943, portanto 13 anos de sucessões presidenciais determinaram uma total paralisia no campo político e econômico.

Exatamente nesse período se formou um grupo, dentro das forças armadas nacionais, de oposição à elite militar que conduzia o caos político daquela década. Tratava-se do GOU[4], do qual fazia parte o tenente-coronel Juan Domingo Perón. O grupo originalmente formado por 19 oficiais se opunha ao comunismo e aos políticos tradicionais, preconizando o estabelecimento de uma nova doutrina política e militar,

[3] MARTÍNEZ, Tomás Eloy. Op. cit. p. 298.

[4] O "Grupo de Oficiais Unidos", "Grupo de Obra e Unificação" ou "Grupo Organizador e Unificador", nem mesmo os manuais de História entram num consenso quanto ao seu significado.

que a partir de idéias patrióticas, em pouco tempo, foi conquistando outros tantos jovens oficiais.

Já no final da década infame os oficiais do GOU mantinham intrínsecas relações com militares de países fascistas e, em 1943, com a Segunda Guerra Mundial em pleno curso, o golpe dado na Argentina coincidiu com o esforço do Eixo em cooptar ideologicamente a América Latina, não só a partir das colônias germânicas existentes nesses países onde agentes infiltrados da Gestapo começaram a operar pelo menos desde 1935, mas por conta de uma já estabelecida tradição de formação militar germânica para oficiais argentinos.

O grupo de Perón acusava os militares que conduziam a Argentina de "aliadófilos", enquanto o GOU declarava-se pró-fascista.

A origem desse posicionamento ideológico por parte de grupos de dentro do exército remonta ao início do século XX, com o fechamento das escolas militares na Argentina por conta de problemas de desobediência e insubordinação organizadas, que representavam perigo constante à estrutura de poder estabelecida com claras possibilidades de golpes. Os aspirantes a oficiais passaram a ser enviados aos EUA, França e Alemanha para cursarem suas respectivas academias militares, o que por si só conformava, quando do seu regresso, grupos divergentes entre os oficiais já formados, não só pelas diferenças teóricas em sua formação, mas por clivagens ideológicas igualmente díspares. A situação agravou-se em 1916 com a reformulação total dos comandos militares, período em que jovens oficiais sem nenhuma formação receberam promoções imediatas para postos de comando, e passaram, a partir de então, a ascender naturalmente na carreira.

Acentuou-se uma cisão ainda mais brutal no oficialato argentino, originando grupos de oficiais rivais dentro do próprio exército: aqueles que não haviam passado por cursos de formação, incumbidos dos quartéis; e os oficiais com formação estrangeira, que comandavam tropas operacionais, inclusive na inteligência do exército.

De certa forma o golpe de 1943, perpetrado por um grupo de oficiais do exército que subjugou outro grupo de militares no poder, conformou uma ação prática que

acabou denunciando em última instância o ponto máximo de tensão alcançado pelas clivagens ideológicas dentro das forças armadas argentinas.

Com o estabelecimento do governo revolucionário pelo GOU, Perón, após um período como secretário do Trabalho e Previdência Social, foi nomeado vice-presidente da República e Ministro da Guerra, além de continuar acumulando a pasta da Secretaria do Trabalho. No caso argentino, com um governo militarizado num mundo em guerra, tratava-se de uma posição privilegiadamente controladora para o jovem oficial.

Sua conduta e os cargos acumulados deram-lhe projeção e visibilidade, e em 1946 Perón se tornou o presidente de 14 milhões de argentinos, assumindo o mandato pela segunda vez em 4 de junho de 1952 e permanecendo no poder até 1955, quando foi derrubado por um golpe que o obrigou a renunciar.

Nos 9 anos em que governou a Argentina confrontou-se com poderes já arraigados como a Igreja, chegando a autorizar a dissolução de matrimônios e ao limite de determinar a abertura de prostíbulos.

Retornou ao poder somente 18 anos depois, em 1973, após um período breve de exílio na República Dominicana e uma longa estada em Madri.

Após ser destituído do poder pensava-se que o exílio de Perón seria breve, mas depois da primeira década na Espanha ficava cada vez mais evidente que sua volta seria, no mínimo, improvável.

Mas a Argentina que perdia Perón ganhava o movimento peronista. Proscrito até pelo menos 1965, o movimento que adotou o codinome de justicialista ganhou diversos setores da sociedade argentina. A CGT e os principais sindicatos, que após a queda de Perón passaram a sofrer intervenções diretas do Estado, permaneceram peronistas enquanto o justicialismo se reestruturava.

Em Madri imperava o silêncio. Não houve, em 18 anos, nenhum pronunciamento oficial de Perón, limitando-se o general, cuja patente fora-lhe negada por 8 governos consecutivos, ao exercício reflexivo das correspondências que trocava. Respondia as cartas desde as mais proeminentes figuras do cenário político, que lhe pediam conselhos e pareceres sobre os mais diversos problemas, até cidadãos comuns, que se gabavam nas discussões políticas cotidianas de possuírem uma carta pessoal do

general, e via de regra os assuntos em discussão eram encerrados quando, com um ar de superioridade, alguém sacava do bolso uma carta de Perón.

Em 1971 a Argentina devolveu a Perón, por ordem do presidente Alejandro Lanussi, o que de mais valioso havia sido-lhe roubado, não o poder político ou a patente de general: o cadáver de Evita, após 15 anos de paradeiro incerto, período em que esteve escondido, com outro nome, em um cemitério de Milão. O corpo embalsamado da segundo mulher de Perón permaneceu desde então no sótão da quinta em Madri, fazendo-lhe companhia diária no silêncio daquele claustro.

Silêncio que foi rompido com a vitória, nas urnas, de Hector Câmpora, nas eleições presidenciais de 1973, cuja plataforma política propunha pedir a própria renúncia após promover a volta de Perón à Argentina, reconduzindo-o, desta forma, aos braços do povo que o colocaria novamente no poder, aos 77 anos de idade.

É exatamente aqui, após estas primeiras linhas explicativas, que iniciamos a análise proposta na introdução deste ensaio: no aeroporto de Ezeiza tomado por 3 milhões de pessoas que aguardavam a volta do general Juan Domingo Perón.

Iniciamos a análise exatamente no palco onde a extrema esquerda e a direita, ambas reivindicando para si o peronismo e a imagem do líder Perón, se confrontaram após uma covarde investida dos grupos reacionários conservadores ligados à sombria figura do secretário José López Rega, braço direito do general. Seus asseclas desfecharam disparos contra a população que tomava as imediações do aeroporto e se aglomerava ao redor de um palco onde esperavam ver o general acenando-lhes após seu regresso. O alvo: grupos da esquerda peronista. Os resultados: vários mortos e inúmeros feridos. Há relatos de espancamentos e de jovens arrastados após serem agredidos a golpes de corrente, e de vários cadáveres que foram encontrados enforcados nas árvores ao longo das estradas de acesso ao aeroporto, todos militantes ligados à esquerda peronista.

Como resultado o avião que trazia Perón foi “obrigado” a pousar em uma base militar segura em Morón.

O general enfim voltava à pátria.

Sabemos que em seguida Câmpora renunciou e as eleições enfim convocadas, levando Perón a uma esmagadora vitória. Sabemos ainda que seu governo relâmpago

teve fim no ano seguinte, com a morte de um Perón já entregue à velhice, e que o governo assumido por sua terceira esposa, Isabelita, sucessora de Evita, durou somente até 1976, ano em que a Argentina assistiu a um novo golpe militar que a destituiu do poder definitivamente e lhe impôs a volta ao exílio em Madri, de onde nunca mais regressou senão para poucos meses de férias.

Mas o que nos interessa de fato é o dia mais curto de 1973: o 20 de junho, o dia do regresso de Perón à Buenos Aires, o marco do fim de seu exílio, o dia do massacre em Ezeiza; para identificarmos, como já dissemos introdutoriamente, quais forças operavam na disputa mortal pela imagem do general, e como aparecem no limite entre ficção e História, no romance de Martínez.

No avião que trazia o general, Tomás Eloy Martinez situa, sentado impacientemente em sua poltrona, um Perón que se defrontava com um peronismo que já não era mais seu: extremistas invadiam fábricas, molestavam sindicalistas, atentavam contra o exército. O movimento havia se distanciado demais de sua figura fundacional: o próprio Perón. O homem imerso em pensamentos, que naturalmente relutava em arrancar as raízes que havia fincado em Madri, seu lar durante quase duas décadas, iria se deparar com os ultras, que ao se infiltrarem no movimento peronista passariam a ameaçar a estabilidade do novo governo de Perón, pois ao descontentarem as forças armadas nacionais poderiam desencadear um novo golpe militar.

Mostrava-se de forma cada vez mais evidente que o peronismo havia se tornado dificílimo de se operar praticamente como projeto de governo, por sua própria natureza multifacetada. O movimento peronista havia abraçado até ali interesses de várias classes sociais, membros de vários extratos, componentes de vários grupos, categorias, não raras vezes rivais, o que tornou impossível não provocar cisões dentro do próprio movimento. Tirá-los, qualquer grupo, a força, implicaria em gerar descontentamento nos grupos relacionados por proximidade ideológica em relação à imagem de Perón, que deveria ser preservada a qualquer custo.

As invasões às fábricas e os distúrbios assistidos na Argentina no início da década de 1970 são atribuídos a grupos guerrilheiros que reivindicavam para si o peronismo. No “Romance de Perón” o general atribui a Câmpora o dever inicial de tê-

los freado quando assumiu a presidência da Argentina: não o fez, e a tarefa parecia agora impossível para Perón, que deveria então lhes apontar o caminho[5].

Câmpora teria ainda conquistado o ódio eterno dos próprios peronistas que haviam feito-lhe candidato, não só pela demora em renunciar - com ares de que desejava permanecer no poder -, mas pelo nepotismo que praticou no pouco tempo que governou, empregando em altos escalões governamentais seus próprios filhos. O peronismo tinha-o como traidor e poderia de um dia para o outro tirá-lo do poder.

Para o Perón de Martínez, Câmpora havia transformado a Argentina em uma panela de pressão que estava prestes a explodir. No íntimo do Perón de Martinez, Câmpora havia feito o imperdoável: tornado-se popular, um rival[6]. Câmpora havia anistiado presos políticos e libertado guerrilheiros, em sua visão: teria tornado a Argentina um caos.

Para este Perón a Argentina carecia de disciplina.

Definitivamente, tanto o Perón descrito por Martínez com o Perón de fato haviam se afastado dos projetos revolucionários que visavam transformar a Argentina em uma pátria socialista. Tratava-se de um conciliador, anti-revolucionário. As tensões resultantes do distanciamento de classes na sociedade argentina não confluiriam para a luta de classes, não para o general que voltava ao poder aos 77 anos de idade.

> - O raciocínio é simples – explicara-lhe Perón. – Precisamos escolher entre o tempo e o sangue. Se quisermos rapidez, necessitaremos de rios de sangue. Quanto a mim, prefiro que caminhemos sobre rios de tempo.[7]

Ironicamente era o tempo que o general, aos 77 anos de idade, não tinha para operar as mudanças necessárias na política, economia e sociedade argentina. A morte sabidamente logo o arrebataria, o mito havia conseguido muito, em especial no imaginário popular, mas não a imortalidade.

No romance de Martínez o resultado pela contenda por Perón já estava dado, desde o início, em favor dos setores conservadores do movimento. A esquerda

---

[5] MARTÍNEZ, Tomás Eloy. Op. cit. p. 50.

[6] Ibid. p. 99.

[7] Ibid. p. 71.

revolucionária, os grupos guerrilheiros, os projetos socialistas, não estavam mais na ordem do dia daquele que em abril de 1973 triunfaria nas eleições presidenciais argentinas.

Sua plataforma de governo teria como um dos pontos principais promover uma reaproximação do peronismo com os setores militares, o que implicava em empreender apenas reformas lentas e gradativas, não traumáticas que pudessem de alguma forma tratorar as relações entre o líder político argentino e a única instituição capaz de privar-lhe mais uma vez do poder: de fato o que o privou disso não foi o exército, mas a morte, presente em todo o romance, espreitando nas cenas da trama.

O Perón descrito por Martínez alegava não ter enganado os setores esquerdistas do movimento peronista, mas que estes comumente insistiriam em enganar-se com a sua imagem, que na emblemática metáfora disposta em um diálogo, posta na boca de Perón como metáfora, o associou a um “leão sem dentes”, uma fera herbívora que não enganava a mais ninguém, a não ser aqueles que faziam questão de se enganar, como um fetiche.

Trata-se do discurso do Perón militar defensor das instituições, filho do Exército argentino, não do revolucionário que inverteria a ordem social constituída.

Por que então uma contenda por Perón, se a supremacia dos grupos conservadores e reacionários de dentro do peronismo já estava estabelecida para o general, na concepção romantizada de Martínez?

A resposta é que se os grupos de extrema esquerda de dentro do peronismo saíssem às ruas exigindo as mudanças necessárias ao estabelecimento de uma maior justiça social, nem que isso passasse pela via revolucionária, bastaria ganhar o apoio das massas populares. Ganhariam assim o apoio de Perón, incapaz pela força numérica da massa, fundamentalmente a partir da reivindicação por sua imagem, de contestar o movimento revolucionário. Seriam vertidos aí rios de sangue! As favas com o tempo! Para onde soprar o vendaval, para onde irá o general.

> Filho Ilustre da América, Herói Bolivariano, Senhor Benfeitor. Ouça-o falar aqui contra as conspirações do comunismo internacional, e ali adular Fidel Castro e Che Guevara. O

> general é uma eterna contradição da natureza, um corpo de urso com um bico de ave de rapina, uma colheita de trigo no mar.[8]

Nas cenas em que a aeronave voava com destino a Ezeiza, Martinez entrelaça numa linguagem não-linear a articulação simultânea dos grupos que decidiriam o destino da própria Argentina, fundamentalmente aquele que primeiro ganhasse, pela força do número ou pela habilidade no ardil, o apoio do general.

Para os grupos fascistas de dentro do próprio peronismo era preciso guardar Ezeiza dos esquerdistas; para os esquerdistas era preciso conquistá-la.

Determinar Perón como pessoa e como líder político é uma tarefa que passa obrigatoriamente pela mais expressiva de suas faces constitutivas: a militar. Tanto sua personalidade quanto a concepção militarizada de relações políticas que predominou no governo de Perón dialogavam diretamente com o seu passado militar. Perón era o Exército, e o romance de Martínez determina o momento exato onde seu eu foi anulado, sua personalidade diluída, para dar lugar à arma de guerra argentina encarnada.

> Quanto mais Juan Domingo se convertia no zero do zero, mais o Exército argentino se transformava no universo, na realidade, no envoltório do eu. Era o futuro, o único possível; era seu corpo, tatuado pela obediência, já incompreensível sem o uniforme. Como necessitava suprimir o passado, o Exército ocupou todo o lugar disponível.[9]

A gênese desse processo teve início no dia 1º de dezembro de 1910, quando prestou exame para admissão ao Exército; e no dia 1º de março de 1911, quando foi incorporado como cadete em San Martín, lugar onde tomou as primeiras lições para liderar homens. Foi promovido a subtenente no dia 18 de dezembro de 1913, em fins de 1915 a tenente, em 1926 a capitão, em 1931 a major, em 1938 já era tenente-coronel e em 1944 coronel. As patentes levaram-no a general, e de líder de tropas passou a conduzir toda uma nação, constituída por um povo que teria Perón e nada mais, "*Perón o muerte*".

---

[8] Ibid. p. 274.

[9] Ibid. p. 173.

Nos sonhos de grandiloqüência descritos por Martínez, Perón via a si mesmo como o único horizonte possível de sua nação: “A meu pobre país, não resta outra coisa além de Perón. O país tem a mim, e adeus. Eu sou a Providência, o Pai Eterno”[10].

Para tratarmos de uma disputa por sua imagem, contenda em que a vitória garantiria ao grupo vencedor hegemonia dentro do próprio movimento e assim na política argentina, devemos primeiramente determinar exatamente que imagem estava em disputa.

No romance de Martínez tratava-se de uma imagem construída fundamentalmente pelos biógrafos, que tentavam interpretar os fatos disponíveis como se pudessem chegar a uma verdadeira essência de Perón, buscando-lhe um sentido, que quando pensou-se ter-se alcançado correspondia mais a uma estrutura pré-compreensiva estabelecida a partir de uma imagem pré-concebida de Perón e edificada, tanto a partir de uma historicidade já própria ao seu arquétipo, como à visão de mundo do escritor.

Seu biógrafo oficial era também seu secretário, José López Rega, mencionado a todo momento no romance com as anotações de suas “Memórias” embaixo do braço, tão raras a Perón que via ali, na construção artificial de suas linhas - escritas a partir de exaustivas transcrições de fitas gravadas com entrevistas e de documentos diversos -, a si mesmo, como um espelho distorcido de uma realidade ficcional, inventada, como o próprio “Romance de Perón” assumidamente é.

Em 1973 as “Memórias” eram revisadas por Perón, tendo algumas passagens sido transcritas no romance de Martínez, que pôs o leitor em contato direto com o processo de construção da imagem de Perón por seu biógrafo oficial em seu árduo trabalho. As “Memórias” eram propostas como “. . . a cruz que faltava à igreja peronista”[11], com sua mesma função contemplativa, reverencial e ritual mágico-religiosa, onde o sacerdote era o próprio mártir-vivo.

---

[10] Ibid. p. 183.

[11] Ibid. p. 51.

A manipulação evidente de suas “Memórias” tinha a finalidade de alinhá-la sob uma perspectiva de caráter exemplar-pedagógico, literalmente normatizador de condutas, princípios e valores éticos e morais. Esse processo de manipulação deveria permitir que as massas se reconhecessem no passado de Perón, para que nele encontrassem seu presente e a partir somente dele vislumbrassem seu futuro, como o futuro da própria Argentina. Mas não é a Perón que abraçariam na leitura de sua biografia, senão uma imagem distorcida construída pela modelação de seu passado. O biógrafo é o pintor que desenha um retrato onde o corpo e os músculos são a massa uniformizada pelo reconhecimento comum, que teve lugar no passado de seu líder máximo e único; Perón é o cérebro que o movimenta.

Martínez, mesmo tratando de López com a desobrigação que comodamente a ficção lhe dá, empreendeu-lhe uma severa crítica. Na ficção, o personagem López, que da realidade foi o biógrafo oficial de Perón, não inventou apenas documentos cuja finalidade era suprimir as lacunas de um passado naturalmente sombrio, que deixa espaços vagos pela própria impossibilidade da memória em tudo guardar sem trair seu portador um instante sequer, de ser seletiva e de reinventar seu portador produzindo imagens de si mesmo: López inventou Perón, deslocou-o no tempo, inseriu-o em paisagens que nunca havia visitado, a ponto de o próprio general ser incapaz de reconhecer a si mesmo nas “Memórias”. A lógica que aparece no romance é a de que “o povo necessita de fábulas e sentimentos, não da argamassa cinzenta das doutrinas com as quais, muito a contragosto, precisou ser alimentado”.[12] Assim, o biógrafo é um retratista capaz de dar mais brilho, de melhorar a imagem do retratado, criar ou omitir personagens e lugares no tempo e espaço. Não há verdade alguma no retrato, senão a essência de uma das muitas verdades possíveis, que é sempre referida, mas nunca revelada com a exatidão que se espera mas que não existe.

Os detalhes incômodos são “soprados para fora” das “Memórias” oficiais. Nesse sentido López é como Tucídites ao narrar a guerra do Peloponeso, preenchendo as lacunas deixadas pelos lapsos naturais da memória de um velho completando datas,

[12] Ibid. p. 51.

construindo documentos, retocando a face do retratado, dando-lhe um ar sóbrio, heróico, grandiloqüente.

López era o pintor retratista da corte de Perón:

> Interpretei bem o que o senhor pediu, meu general? O senhor desejava realçar os traços viris no retrato de seu pai e os femininos nos de sua mãe, não é? Nada de meio-termo.
> (. . .)
> Assim está bom – aprovara Perón. – Exatamente como eu queria.[13]

Na execução do retrato de Perón a partir de suas "Memórias", determinar suas origens é o passo inicial no sentido de estabelecer uma correspondência entre o estadista e o Estado, entre o líder político e a nação, entre o herói e o povo. O primeiro sinal que identificaria Perón com as massas constitutivas do povo argentino seria sua origem sarda e escocesa, por parte de seus bisavós. "A Argentina é um cadinho de raças"[14] e nesse sentido Perón é a Argentina e a Argentina é Perón: isso deveria ficar claro nas páginas das "Memórias".

O processo de composição de sua imagem deveria passar obrigatoriamente, portanto, pela construção de seus antepassados.

A "planta da construção" aparece no "Romance de Perón", e é possível confrontá-la com as "Memórias", para verificar as correspondências, não que isso nos permitisse riscar os limites entre ficção e História.

Na construção, Tomás Liberato, nascido aos 17 de agosto de 1839, teria sido o primogênito dos sete filhos de Tomáz Mário Perón (o primeiro Perón a pisar o solo argentino) e Ana Hughes Mackenzie, os bisavós de Juan Domingo Perón. Segundo seu biógrafo oficial, em texto publicado pela revista "Panorama", o avô de Perón teria sido senador nacional, representante da província de Buenos Aires, presidente do Conselho Nacional de Higiene, heróico major na Guerra do Paraguai, tendo desempenhado ainda missões na França e lutado bravamente na batalha de Pavon. Ocorre que sua participação na Guerra do Paraguai já havia sido contestada por alguns historiadores, a partir de registros nos quais constava que Tomás Liberato estaria, no mesmo período,

---

[13] Ibid. pp. 57 e 58.

[14] Ibid. p. 52.

ferido no Banco de Sangue improvisado de Buenos Aires, além de ter sido, em 1868, deputado provincial e não senador da nação[15].

A falácia denunciava que Perón desejava dar um brilho falso a seu avô, mas por quê? Para dar um ar grandiloqüente e heróico à sua própria origem política e militar, constituí-la como um evento cumulativo a atos heróicos e sagazes de seus antepassados, postá-la na ordem dos estamentos, da hereditariedade, introjetá-la no sangue.

"- É preciso colocar as montanhas onde se quer, Juan. Onde você as colocar, ali elas ficarão. Assim é a História. (. . .) A História ficará com a verdade que eu estou contando".[16] E arremata Martinez, por meio do personagem López Rega, indagando a Perón: "Todos os homens têm o direito de decidir o futuro. Por que você não terá o privilégio de escolher o passado?"[17]

O trabalho de López era consertar-lhe os deslizes, construir uma história verdadeira, que de fato seria aquela ". . . que devia ter acontecido, aquela que, sem dúvida, prevalecerá"[18].

A tentativa de construção de uma tradição militar para o avô se fincava na ausência desta para o pai. De origem urbana e comercial, depois camponesa, Mário Tomás Perón, nascido aos 9 de novembro de 1867 havia interrompido os estudos de medicina, e em 1890, após a morte do pai, mudou-se para Lobos a fim de ocupar as terras herdadas de seu progenitor, onde aos 8 de outubro de 1895 nasceu Juan Domingo Perón.

No afã de demonstrar a grandeza dos antepassados de Perón, o personagem López de Martínez ultrapassou todos os limites, inclusive os da coerência e da lucidez, recorrendo ao esoterismo para buscar a heroicidade requerida nas vidas passadas de Perón:

---

[15] Ibid. p. 54.

[16] Ibid. p. 55.

[17] Ibid.

[18] Ibid. p. 60.

> Em 1971, José López Rega revelou que o nascimento de 1895 correspondia, na verdade, à Quinta vida de Juan Domingo Perón. Nas anteriores, ele havia sido Per-O, uma rainha egípcia cujo nome significa "A Casa Grande" e que governou as aldeias do Alto Nilo, 3 500 anos antes de Cristo; Rompe, o peixe cujo bico é uma espada elétrica e que vive nas fossas marinhas situadas a leste da ilha Desengano; Norpe, um dogue que mordeu Marco Polo em Catay e pagou pela afronta sendo envenenado com pó de vidro; e o sacerdote jesuíta Dominique de Saints-Pères, que foi mestre de Descartes no colégio de La Flèche, e morreu fulminado por um raio na propriedade de Perron, onde era hóspede de seu discípulo. Em 1980, Perón admitiu que havia assinado alguns de seus artigos com o pseudônimo de Descartes: "O filósofo usou meu nome (Perron) e quero retribuir-lhe a gentileza", justificou.[19]

Caso as informações estejam confusas apesar da riqueza de detalhes, recapitulemos: rainha do Egito em 3500 a.C.; peixe espada; um cachorro que mordeu Marco Pólo; mestre de Descartes. De fato o trabalho de construção de um passado glorioso pelo biógrafo deve ser mais fácil quando se pode recorrer a outras encarnações do mesmo personagem. Resta à metodologia científica normatizar citações para o caso de a recorrência a fontes de além-túmulo vir a se tornar corrente no meio historiográfico.

A passagem evidencia o quanto Martínez é ágil no manejo com as palavras, buscando no passado construções possíveis no rearranjo das letras do nome "Perón". Com isso o autor apenas amplia o foco de Lopez, de um passado recente que cria e recria, para um passado ainda mais longínquo, de eras de existência. Não importa, nenhum deles aconteceu mesmo!

"O Perón oficial já está sendo esvaziado. Devemos procurar o outro"[20]. Desta forma a imprensa entra também na contenda pela imagem de Perón, auxiliando no processo artificial de sua construção e mitificação. Esse processo foi revigorado por um anseio geral da população argentina em re-visitar a imagem do general e reafirmar sua devoção ao mito que representava. O que a imprensa fez, foi devolvê-lo como um bem de consumo de massa, por meio de publicações exclusivas, suplementos de jornais e revistas e tiragens extras lançadas nas vésperas do regresso de Perón.

---

[19] Ibid. p. 81, nota de rodapé.

[20] Ibid. p. 39.

O fracasso na busca por uma verdade que se pensasse única e passível de ser resgatada, sobre a vida e a trajetória do general, foi personificada por Martínez na figura de Emiliano Zamora, repórter da revista “Horizonte”.

O Perón oficial teria nascido, no ideário popular, em 1945, o ano que antecedeu sua ascensão ao poder; o que a imprensa desejava elucidar, nos dias que antecederam seu retorno à Argentina, era o Perón oculto, anterior aos seus 50 anos de idade. Mas para o próprio Zamora, no romance, “. . . a verdade é inatingível. Ela está em todas as mentiras, como Deus”[21].

No romance, os veículos que se encarregavam de atender à demanda popular pelo estabelecimento desse Perón oculto foram as revistas: “Panorama”, que publicou dados biográficos escritos por López, portanto oficiais; e “Horizonte”, onde, como vimos, trabalhava Zamora.

Havia ainda veículos de informação ligados à grupos de esquerda, como a revista “*Cristianismo & Revolución*”, dirigida por Juan García Elornio em 1969 e citada por Martínez como apologista de um renascimento, a partir dos jovens peronistas e cristãos, do “exército de San Martín”[22]. Seriam novos libertadores numa luta contra os opressores do povo argentino, responsáveis pelas inúmeras mazelas que assolavam suas classes oprimidas: os militares “ocupantes ilegítimos da pátria”, os “invasores de dentro”, que a entregavam aos interesses estrangeiros e lutavam contra seu próprio povo[23]. O propósito do veículo era a criação de uma consciência revolucionária peronista, tributária de toda a tradição latino-americana pela revolução, de Ernesto Guevara a Eva Perón.

No tempo cronológico do romance todas as atenções da imprensa se focavam em Ezeiza, onde o mito iria aterrissar após cruzar o Oceano Atlântico. Em Ezeiza o espelho que poderia refletir a imagem em unidade de Perón estava fragmentado em inúmeros cacos, cada qual com o seu específico Perón distorcido de diferentes formas. Em Ezeiza as quatro mil faces do general estariam presentes.

---

[21] Ibid. p. 40.

[22] Ibid. p. 69.

[23] Ibid. p. 70.

Cerca de 3 mil militantes das Forças Armadas Revolucionárias (FAR) e motoneros tomaram o aeroporto para a "Operação 20 de julho", com faixas, palavras de ordem e um verdadeiro plano de guerra para posicioná-las defronte ao palco para onde iria o general após sua aterrissagem. O objetivo era tomar os 300 metros logo à frente do palco, protegido por um cordão de policiais fascistas, ganhar a simpatia do líder político no primeiro momento possível e fazê-lo então, por pressão das massas, converter a Argentina imediatamente em uma pátria socialista.

Na cena descrita por Martinez as faixas traziam os *slogans*: "- PERÓN O MUERTE, FUERZAS ARMADAS REVOLUCIONÁRIAS / BIENVENIDO GENERAL / MOTONEROS PRESENTE"[24].

A estratégia incluía ainda ganhar Perón com palavras de ordem, cuidadosamente preparadas e ensaiadas, como uma saraivada de idéias que deveriam ser disparadas frontalmente na direção do general.

As rimas incluíam: "*Vamos a Ezeiza, vamos compañero / a recebir a un viejo montonero*"[25]; "*Vamos a hacer la patria peronista / pero la haremos montonera y socialista*"[26]; "*Se va a acabar, se va a acabar / la burocracia sindical*"[27]; "*Todos unidos triunfaremos*"[28]; "*Rucci, traidor, / a vos te va a passar / lo mismo que a Vandor*"[29]; "*Haremos una pátria peronista / pero que sea montonera y socialista*"[30]; e então o refrão revolucionário: "*Ayer fué la resistência / hoy Montoneros y FAR / con Perón yendo a la guerra / a la guerra popular*"[31].

Esses grupos tinham, além do sindicalismo burocratizado, outros inimigos comuns, como o isabelismo, que deveria ser combatido em alto e bom som com a exaltação da figura de Evita: "*Perón, Evita / la pátria socialista! Evita hay una sola / no*

---

[24] Ibid. p. 65.

[25] Ibid. p. 72.

[26] Ibid.

[27] Ibid. p. 73.

[28] Ibid.

[29] Ibid. p. 351.

[30] Ibid. p. 352.

[31] Ibid. p. 73

rompam más las bolas"[32]; "*Perón, coraje / al brujo aale el raje! Si Evita viviera / sería montonera! Si Evita viviera!*"[33].

Os trezentos metros a frente do palanque eram vitais. Conquistar Perón seria o caminho revolucionário para o nascimento de uma Argentina socialista. Para motoneros e FAR's ". . . o caminho revolucionário passava por Perón"[34], e Perón deveria ser conquistado ali mesmo, em Ezeiza.

Martínez os descreve como se tivessem parado no tempo, como se pensassem que o Perón de 1973 seria o mesmo de 1955, como se o próprio peronismo ainda fosse o mesmo de outrora, e se pergunta através do personagem El Cabezón, diante dos 3 mil companheiros que marchavam para a conquista da região defronte ao palanque: ". . . em que país vamos colocá-los [?]"[35].

Havia o movimento formado por marxistas da Quarta Internacional, o "ERP 22 de agosto".

Havia os esquadrões da Juventude Sindical que circulavam em meio à multidão, com revólveres em punho, formando verdadeiros cordões humanos.

Ezeiza estava repleta também das hostes reacionárias, seguidores do secretário José López Rega. Os agentes da burocracia sindical vestiam braçadeiras verdes, armados com mangueiras recheadas de chumbo; outros fascistas protegiam o palanque e tinham como missão manter motoneros, FAR's e qualquer outro grupo de esquerda distante à força; atiradores de elite estavam a postos com alvos claros; batalhões de policiais guarneciam as rotas de acesso ao aeroporto, as mesmas onde depois foram encontrados inúmeros militantes de esquerda enforcados nas árvores que margeavam as vias de acesso; e os postos sanitários cujas ambulâncias investiram com agentes armados em seu interior contra a massa motonera e as FAR's que ganharam heroicamente a frente do palanque onde se esperava ver Perón.

O primeiro conflito em Ezeiza deu-se às 6 da manhã. Porém a contenda foi pequena e resultou apenas em um ferido: tratava-se de um tiroteio entre grupos

---

[32] Ibid. p. 223.

[33] Ibid. p. 223. O "*brujo*" aqui mencionado trata-se de López.

[34] Ibid. p. 67.

[35] Ibid. p. 77.

distintos desqualificados sequer de filiação dentro do peronismo. O baleado, ferido no intestino, acabou sendo socorrido no hospital de Ezeiza e operado.

O conflito maior ainda estava por vir e teria como alvo os motoneros e as FAR's.

Se o lema dos motoneros era "*Perón o muerte*", os fascistas negavam-lhe o primeiro e se preparavam para dar-lhes o segundo. Os lacaios de Rega armavam-se no palco onde deveria já estar discursando Perón; atiradores de elite se posicionavam sobre os postes dos telégrafos, já fechando a mira de seus fuzis leves em seus respectivos alvos; os trogloditas com braçadeiras verdes sacavam seus cacetetes... Um estampido seco então foi ouvido em meio às palavras de ordem motoneras e deu-se em seguida o início ao massacre.

História ou ficção?

Trata-se da ficção que tomou emprestada a História para desenvolver sua trama, e re-inventou a própria História. Ou seja, a pergunta segue sem resposta, e em momento algum pretendíamos aqui respondê-la.

Conclusões:

"Nunca mais seremos como éramos".
Diálogo do personagem López ao citar suas "Memórias", de Perón[36]; e do personagem Zamora, na frase final do "Romance de Perón"[37]

Entender as tensões existentes entre o conjunto de forças que conformava a cena política argentina no período da volta do peronismo ao poder em 1973, mesmo que no universo fantasioso de um romance-histórico, ajuda-nos a melhor entender o próprio fenômeno do peronismo, que projetou a imagem de Perón agigantando-a como uma esfinge, fitando-nos de forma inquiridora e impondo-nos a pergunta: como o menino de Lobos que se tornou general galvanizou corações e mentes de toda uma nação, abarcando grupos e interesses tão conflitantes.

---

[36] Ibid. p. 237. Segundo Tomás Eloy Martinez a frase havia sido plagiada por Perón do romance "*Wings of the Dove*", de Henry James.

[37] Ibid. p. 369.

Tudo parecia caber no peronismo, menos o apático e relutante Perón de 1973 descrito por Tomás Eloy Martínez e não reconhecido por seu próprio povo. A imagem criada de Perón já era diferente demais do próprio Perón. Nas palavras do camponês anônimo: "- Esse homem não pode ser Perón"[38].

Na construção da imagem do líder e herói político edificada pelo autor, Perón não queria voltar à Argentina e com aflição aguardava o dia de seu embarque à Ezeiza. A Argentina não era mais o seu mundo, era o passado assim como sua própria imagem... Aquele não era mais Perón: era alguém distante e alienado daquele universo.

O Perón cauteloso, deslocado em relação ao peronismo atualizado, determinou seu sepultamento antes mesmo da morte que o arrebataria de fato na madrugada de 3 de julho de 1974. Em Buenos Aires não havia um bravo estadista disposto a romper com as velhas engrenagens decadentes de poder, havia um *mort-vivant*. Nas palavras do personagem Romero: "- É um ancião de quase setenta e oito anos; basta empurrá-lo, com delicadeza"[39].

Não só no romance como na vida, na farsa como no drama, Juan Domingo Perón tornou-se uma entidade abstrata e estranha ao próprio peronismo. Tanto gravitou nos opostos para sustentar-se no poder de uma Argentina que pretendia estável, para abarcar a todos os interesses possíveis dentro do movimento, que permitia, a cada palavra proferida, uma gama imensa de interpretações, conforme os interesses daqueles que o ouviam e cuja verdade por trás das palavras estava acessível, quanto muito, ou ao próprio general ou a um círculo pessoal restrito. O universo conhecido pelo decadente Perón estava repleto dessa espécie de sacerdotes iniciados de uma entidade sacralizada pela trajetória militar e política, pelas façanhas heróicas escritas nos livros de História, nas biografias, pela imagem construída por frases de efeito furtadas de outros, pela retórica, por aquilo que Max Weber designara como "dominação carismática".

---

[38] Tomás Eloy Martinez falando pelo camponês anônimo in: Ibid.

[39] Ibid. p. 106.

Visivelmente o Perón de 77 anos aparece no romance, ao voltar a Buenos Aires, desejando pertencer mais a si mesmo do que aos outros, mas essa possibilidade não lhe parecia mais possível. Durante toda a sua vida sua imagem havia sido construída a partir dos anseios e desejos de diferentes classes. Cada vez mais o peronismo se afastava de Perón, se é que Perón sabia de fato quem realmente era, talvez os anos de exílio que lhe impuseram reflexões as mais diversas tenham lhe propiciado ao menos essa descoberta. Talvez o próprio Perón não participasse mais da contenda por si mesmo, ou não quisesse estar no centro dela.

Quanto a contenda dos outros por Perón sabemos que chegou às vias de fato, conforme repetimos incansavelmente neste ensaio, em Ezeiza. O massacre perpetrado por membros de grupos de direita dentro do peronismo chegou aos ouvidos do general, na trama ficcional, ainda no avião que já sobrevoava o espaço aéreo argentino, como um distúrbio desencadeado por uma possível conspiração para assassiná-lo[40].

Enforcamentos nas árvores ao longo dos caminhos para o aeroporto, jovens espancados a golpes de correntes, líderes motoneros e das Forças Armadas Revolucionárias assassinados por atiradores de elite estrategicamente posicionados: a torre de controle informava tratar-se tão somente de um distúrbio popular[41].

No “Romance de Perón” López sabia, informado por telex, ainda dentro da aeronave que já sobrevoava o espaço aéreo argentino, que havia um plano onde motoneros ou membros do “ERP 22 de agosto” pretendiam tomar toda a parte da frente do palanque, com a finalidade de insuflar as massas presentes e cooptar assim o apoio do general à causa socialista[42].

No romance de Martínez a ordem de ataque teria partido de dentro do avião. Aquele que a deu: López, o mesmo que decidiu, com o aval do vice-presidente Solano Lima, transferir o local de pouso, do aeroporto de Ezeiza para a base do Exército em Morón.

Na ficção o general não deveria de forma alguma pousar em Ezeiza, não por sua segurança, mas para garantir a vitória dos grupos reacionários na contenda por

---

[40] Ibid. p. 23.

[41] Ibid.

[42] Ibid. p. 108.

Perón. No romance de Martínez "*el brujo*" havia percebido que se ali pousasse, o general seria facilmente envolvido pelas colunas motoneras em número muito maior que seus lacaios fascistas. Por mais armas que dispusessem os militantes de esquerda tinham suas palavras de ordem com argumentos fortíssimos capazes de ganhar Perón instantaneamente, não pela força ou altura do brado, mas pela expressividade do número. A vitória dos grupos de esquerda em Ezeiza seria a derrota dos peronistas fascistas, que teriam que aceitar a direção tomada pelo general conforme a força do vendaval das massas.

Tanto na ficção como na História venceram o ardil e a covardia. Enquanto os motoneros e as FAR's lançavam disparos morais, os truculentos policiais espancavam jovens até a morte, enforcavam militantes e atiradores de elite alvejavam os líderes de colunas estourando seus miolos: tudo por 300 metros de solo, tudo pelas massas, tudo por Perón.

Perón o muerte... Muerte.

Ao final de tudo devemos nos questionar de que valem as conclusões aqui ensaiadas uma vez que todas as reflexões propostas ao longo deste ensaio foram fundamentadas em uma base ficcional: nossa fonte de análise trata-se de um romance-histórico, não um irrefutável documento no sentido *lato*.

Trata-se portanto de um exercício de leitura.

Ao menos alertamos para isso no início: não se trata de Perón ou do peronismo, mas de como aparecem no universo ficcional-histórico de Tomás Eloy Martínez.

De qualquer forma, no "Romance de Perón" e no que convencionamos como "vida real" o general "não era um simples homem. Eram vinte anos de Argentina . . ."[43] e se isso significa algo de fato, então todas as linhas aqui escritas, horas de sono e alguns fios de cabelo (já raros) a menos não foram de todo perdidos. Entender sua biografia, mesmo que a partir de um romance-histórico, permite-nos entender uma parte significativamente constitutiva da própria Argentina. Permite-nos olhar nos olhos da esfinge e tentar responder-lhe o enigma, sabendo de antemão que seremos devorados por ela.

---

[43] Ibid. p. 276.

Bibliografia:

LITTLE, Walter. “La Organización Obrera y el Estado Peronista, 1943-1955”. *Desarrollo Económico*. Buenos Aires, out-dez. 1979.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *O romance de Perón*. São Paulo: Editora Best Seller, 1988.

RAPOPORT, Mario. Argentina; in: BETHEL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (orgs.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SEITENFUS, Ricardo. Metamorfoses argentinas: da prata ao caos; in: *Estudos avançados*. Vol. 16, no. 44, jan./abr. 2002.